CORREIO POPULAR
Publicado em 17/07/2022 - 05:53

Número de jovens grávidas cai pela metade em oito anos

Isadora Stentzler
isadora.stentzler@rac.com.br

EM CAMPINAS

Número de jovens grávidas cai pela metade em oito anos

Apesar da queda, 7,5% das mulheres que engravidaram em 2021 tinham de 10 a 19 anos

Quando Jéssica descobriu a gravidez, fazia um ano que ela estava com o namorado. Ela, uma adolescente de 15 anos, e ele, um jovem de 21, que moravam juntos há pouco tempo. Ela acreditou que o nascimento do bebê, uma menina, supriria o sonho do rapaz e o manteria ao lado dela "para sempre". O que Jéssica descobriu, na verdade, é que o jovem era casado há seis anos, relacionamento no qual já tinha um filho. "Pensei que ele fosse ficar comigo, mas não. Vivi um relacionamento terrível".

50 crianças de 10 a 14 anos engravidaram na cidade ano passado

Jéssica foi mãe aos 15 anos e, após o nascimento do bebê, teve que suportar a separação do companheiro e também da família, que já a havia abandonado quando decidiu morar com o namorado. Sozinha, foi no Conselho Tutelar que ela obteve ajuda, sendo encaminhada para a ONG Aldeias Infantis SOS Brasil que, desde 2016, acolhe mães adolescentes em Campinas.

Índices caem pela metade

Segundo dados de 2010 a 2021 levantados pelo Correio Popular junto ao DataSus, plataforma de dados do Sistema Único de Saúde (SUS), e solicitados à Secretaria de Saúde de Campinas, o número de grávidas adolescentes na faixa de 10 a 19 anos caiu pela metade desde 2014.

Os dados são fornecidos pelo DataSus em duas faixas etárias, dos 10 aos 14, e dos 15 aos 19. Os números referentes a 2021 não estão disponibilizados na plataforma do governo federal e foram solicitados pela reportagem à Secretaria de Saúde de Campinas. Não há dados de 2022 porque a pasta disse trabalhar apenas com dados anuais.

O que esse levantamento apontou é que, até o ano de 2014, os casos de gravidez na adolescência no município se mantinham estáveis, representando 12,5% de todos os casos. Essa métrica foi rompida a partir do ano de 2014, que passou a registrar queda ano a ano nesse percentual.

Em 2014, 115 meninas com idades entre 10 e 14 anos engravidaram, junto de outras 2.046, com idades de 15 a 19 anos – um total de 2.161. O percentual em relação ao total de grávidas na cidade naquele ano foi de 13,5%, o maior na série histórica analisada.

A partir daquele ano, os indicadores passaram a baixar, chegando, no ano passado, a corresponder a 7,5% de todas as grávidas da cidade. Mesmo assim, 986 jovens de 10 a 19 anos (50 entre 10 e 14 anos) passaram pela gravidez, o que corresponde a menos da metade das 2.161 jovens grávidas registradas no município em 2014.

Política extramuros

De acordo com a coordenadora da área da saúde da mulher da Secretaria de Saúde de Campinas, Miriam Nobrega, a queda pela metade dos indicadores nos últimos oito anos está ligada à adoção de políticas públicas denominadas "extramuros", que buscam levar os métodos contraceptivos para além das áreas das unidades de saúde, atingindo escolas e centros comunitários.

Isso foi necessário, segundo ela, porque essa população não busca auxílio nas unidades de referência, não tem consciência sobre o uso dos métodos contraceptivos, além de conviverem com a falta de estrutura básica.

"Algumas têm a vontade de ser mãe, muitas vezes, por entenderem que esse seja um jeito de sair de casa, ter algo só delas. É aquele pensamento: 'não tenho nada, vou ter um filho que é só meu'. É por isso que trabalhamos nessa frente, para mostrar que elas têm uma vida inteira para completar, que podem alcançar outras coisas. Existem também os casos de estupro, apesar de que todos os casos abaixo de 14 anos são considerados estupro, por serem contra vulneráveis, nos quais acionamos o Conselho Tutelar. Mesmo que seja consentido, temos que dar um suporte para a família, para a menina", explica Miriam.

Nos casos de estupro em que há gravidez, além de denunciados à Polícia Civil, as adolescentes são atendidas no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), ligado à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que faz a solicitação do aborto legal, medida prevista em lei para casos de estupro.

Kamá Ribeiro

Muitas jovens são abandonadas pelo companheiro e até mesmo pela família em virtude da gravidez precoce, enfrentando dificuldade em criar as crianças

Divulgação

Coordenadora da casa Aldeias Infantis SOS Brasil, Regiane Vassoler

Programas visam inibir casos

"Eu sou minhas escolhas" é um dos programas existentes que têm por objetivo inibir esses casos. Implementado este ano, junto com o retorno das aulas presenciais, o programa é desenvolvido em escolas municipais da região Sudoeste de Campinas, levando multiprofissionais à rede, incluindo psicólogos e ginecologistas, para reforçar a rede de apoio e acolhimento dos estudantes. Outro programa, que está em fase de estruturação, visa o implante de métodos contraceptivos de longa duração para essas faixas etárias e em meninas que estejam em situação de maior vulnerabilidade – população que corresponde à maioria dos casos de gravidez na adolescência.

"As meninas de 10 a 14 anos ainda não têm um corpo desenvolvido para gestação, e isso aumenta os riscos de hipertensão gestacional, de diabetes gestacional, fora toda o impacto do corpo, na educação, porque param de estudar e caem no subemprego", pontua.

Segundo ela, é preciso dar condições a essas crianças para que não busquem a gestação como alternativa para sair de casa, tampouco permitam que o meio social as façam passar por isso, seja por "consenso" ou por serem vítimas de estupro. Por se tratarem de crianças, a própria visão de mundo ainda é limitada e, por isso, precisam de amparo segundo as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). E, dentro dele, o incentivo é para um ideal de vida e formação. "É preciso pensar no futuro dessas crianças que vão vir", frisa Miriam.

Abrigos

Na casa da Aldeias Infantis SOS Brasil, em Campinas, Jéssica não é a única. Desde 2016, quando o serviço passou a atender adolescentes grávidas ou mães adolescentes, 22 já passaram pelo serviço. As jovens que chegam a essa casa estão passando por processos vulneráveis ainda maiores, porque precisaram ser afastadas do seio familiar ou dos relacionamentos em que se encontravam por motivos de abandono ou violência.

Desses 22 casos, segundo explica a coordenadora de Território da ONG, Regiane Mazimiano Vassoler, uma das crianças nascidas foi para adoção, duas crianças encaminhadas para a família extensa (parentes próximos à adolescente mãe) e duas gestantes conseguiram passar pelo aborto legal, devido à gravidez ser fruto de estupro.

"Nosso objetivo é permitir um acolhimento, respeitando a decisão dessa adolescente e fazendo encaminhamentos. Como muitas chegam à entidade por meio de processos judiciais, elas têm a garantia de ficar no abrigo até completar a maioridade e nosso objetivo é que saiam daqui com estudo e emprego", explicou Regiane.

Por meio de parcerias com a Prefeitura de Campinas, a casa oferece ainda possibilidade de acesso a cursos profissionalizantes e o retorno ao ensino, muitas vezes abandonados devido à gravidez, além de acompanhamento psicológico e psicossocial.

Quando Jéssica chegou à casa, havia passado recentemente por muitos traumas, alguns, inclusive, visíveis na pele devido às agressões sofridas pelo então companheiro.

Hoje, aos 17 anos, Jéssica disse que ficará ali até atingir a maioridade, mas está segura quanto à busca por independência. "Hoje, eu sei que preciso ter a minha responsabilidade. Tenho minha filha, então, voltei a estudar, penso em fazer curso de enfermagem e me tornar perita criminal."

**A reportagem suprimiu o nome da jovem para preservar a identidade*

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Pagina:** 7

Copyright © Clipclap 2025.